



Brinquedos deteriorados e má conservação das dependências da maioria dos parques públicos aumentam riscos de acidentes com crianças. Pais devem ficar atentos e levar filhos para brincar em locais que ofereçam maior segurança

BRINCADEIRA ARRISCADA

Elas passam a semana inteira esperando o grande dia. No domingo, enquanto todos dormem, acordam bem cedo, como se fosse impossível adiar por mais um segundo a diversão prometida. É nessas horas que os pais sonolentos, que esperavam dormir até tarde, precisam de uma boa dose de compreensão. Afinal, todos foram crianças um dia e talvez ainda se lembrem com saudades das manhãs que passaram nos parquinhos, dos arranhões nos joelhos ou da pipoca colorida comprada na saída. Além do mais, esse é o tipo de pedido que um pai não pode recusar.

Muitos pais sabem, até pela insistência, que a visita ao parquinho está entre os programas favoritos dos filhos pequenos. Mas para que a diversão dos *pimpolhos* não seja prejudicada, é preciso prestar atenção nas condições de segurança do parque, desde a estrutura dos brinquedos à limpeza do tanque de areia. Em todo o Distrito Federal, há relativamente poucos parquinhos comunitários. O pior é que a maioria está em más condições de uso.

“São raros os parques antigos que podem ser recuperados no Plano Piloto”, afirma a diretora de obras da

Administração de Brasília, Virgínia Cussi. “A maioria dos brinquedos tem de ser trocada. Os de ferro estão enferrujados e os de madeira estão irrecuperáveis.”

Virgínia conta que este ano foram licitados 52 parquinhos em Brasília, ao custo de R\$ 3 mil cada. Desses, 32 foram instalados ou estão em fase de licitação. “Muitos moradores ligam para a Administração de Brasília reclamando da situação dos brinquedos, que podem machucar as crianças”, diz Virgínia. Segundo ela, depois de anotada a reclamação, os brinquedos que podem representar riscos para as crianças são retirados dos parquinhos e recolhidos aos depósitos da Terracap.

O militar Gilberto da Silva, de 34 anos, costuma acordar por volta das 6h nos finais de semana. Não porque tenha de trabalhar, ou por vontade própria. Quem costuma acordá-lo tão cedo é o filho Guilherme, de 4 anos, que adora brincar no Parque Ana Lúcia. A filha Nathália, de 2 anos, também se diverte no parquinho. “Eles passam a semana toda pedindo para ir ao parque”, confessa Gilberto, que mora em Taguatinga. “A maioria dos parquinhos de Taguatinga está abandonada. O do Parque da Cidade é espaçoso, mas também precisa de alguns consertos”, afirma.

DICAS

A Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) deve aprovar até o final do ano que vem uma norma sobre a construção e manutenção de parquinhos, que vai valer em todo o país. Enquanto essa norma não é aprovada, existem algumas dicas de segurança que, se forem seguidas, podem evitar acidentes.

Deve haver no máximo dois balanços por barra de ferro e a área deve ser cercada para que as crianças



Letícia, 4 anos, corta a boca ao cair do balanço no parquinho Ana Lúcia, do Parque da Cidade: peraltice dolorida

que estão brincando nos balanços não atinjam as que estão esperando para brincar.

As gangorras devem estar a uma distância mínima de 70 centímetros umas das outras. Se elas estiverem soltas, é recomendável não utilizá-las. Os escorregadores devem ter a rampa lisa, sem buracos, ferrugem ou emendas. A grade de proteção do topo deve ser grande para evitar quedas.

A areia do tanque deve ser trocada periodicamente e não pode ser muito fina. Nos casos de parques

abandonados, o risco é maior ainda, porque pode haver muitos cachorros e outros animais nas redondezas, que podem contaminar a areia com pêlos, fezes e urina. A areia muito fina é prejudicial porque fica suspensa no ar enquanto as crianças brincam e pode causar problemas respiratórios, principalmente nos períodos de seca.

ACIDENTES

“Já vi muitas crianças se machucarem em parquinhos”, conta o

morador da Asa Sul Álvaro de Oliveira, de 44 anos, enquanto toma conta do filho Gabriel, de 4 anos, na areia do Parque Ana Lúcia. “É comum encontrar cacos de vidro na areia. Em todos os parques, o maior risco é a falta de manutenção.”

A pequena Letícia, de 4 anos, cortou a boca ao cair de um balanço no parquinho. “Às vezes acontece”, conta a tia, Ivani da Silva, de 30 anos, que mora no Cruzeiro. “Os parquinhos do Cruzeiro estão abandonados. Existem acidentes nor-

mais que acontecem com crianças, mas há outros que acontecem por causa do abandono dos brinquedos”, denuncia.

No parquinho em frente do Bloco K da 303 Sul, o morador Pedro Sampaio, de 20 anos, brinca com o filho Pedro Miguel, de 2 anos e meio. “Os parquinhos deveriam ser prioridade nas quadras, mas estão muito mal conservados”, avalia Pedro. “A areia está podre. Estou aqui brincando com meu filho e rezando para não ficar doente”. O parquinho está realmente abandonado. As gangorras estão soltas, os balanços enferrujados e a areia escura, cheia de sujeira.

“Não existem mais tantos parquinhos nem no Plano Piloto nem nas outras cidades do Distrito Federal”, lembra o professor de Urbanismo da Universidade de Brasília (UnB), Luís Alberto Gouvêa. “Na minha quadra (406 Norte), o governo está construindo um, o que é muito interessante, mas é preciso criar mais opções de lazer para os moradores das outras cidades, para que eles não sejam obrigados a vir ao Plano Piloto nos finais de semana em busca de diversão”, sugere.

Luís Alberto aponta soluções econômicas para a construção de parquinhos, como o uso de árvores (que podem até virar brinquedos) e a participação da comunidade. “O governo também tem de entrar com uma parte”, ressalta. Além da construção de mais parques, ele sugere a instalação de bancos em volta dos parquinhos para que os pais possam se sentar e, ainda, o plantio de árvores nas áreas de recreação das crianças.

SERVIÇO

Reclamações de parques públicos danificados ligar para Administração de Brasília: 327 5000